

TERMINOLOGIA, TRADUÇÃO E LIBRAS: ALGUNS CAMINHOS PARA PESQUISAS

Emerson Cristian Pereira dos Santos*

RESUMO:

Após um panorama sobre três principais teorias terminológicas (Teoria Geral da Terminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Teoria Sociocognitiva da Terminologia), este trabalho tem o objetivo de apresentar algumas possibilidades de pesquisas envolvendo Terminologia, Tradução e Libras. Para isso, em primeiro lugar, são discutidos pontos principais dessas três teorias. Depois, são sugeridas algumas possibilidades de pesquisa em áreas que reclamam estudos: Informática, Medicina, Direito etc. Em seguida, é apresentado um programa para transcrição de sinais da Libras, o *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN), que também viabiliza pesquisas em Terminologia. Por último, é proposta uma ficha terminológica baseada em uma tradução de linguagem especializada, mais especificamente da metáfora especializada.

Palavras-chave: Terminologia. Tradução. Libras. Pesquisas.

ABSTRACT:

After an overview of three main terminological theories (General Theory of Terminology, Communicative Theory of Terminology and socio-cognitive theory of Terminology), this paper has the objective to present some possibilities of researches involving Terminology, translation and Brazilian Sign Language (LSB). First of all, we discuss essential points from three theories. After, some research possibilities are suggested in areas requiring studies: computer science area, Medicine, Law, and so on. Then, we introduce the *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN), a sign transcription program that enables possible researches in Terminology. Finally, we propose a terminology record based on specialized language translation, more specifically of the specialized metaphor.

Key-words: Terminology. Translation. LSB. Research

É indiscutível a contribuição que a Terminologia tem dado a profissionais da Ciência da informação, da Linguística e suas ramificações, da Medicina, da Informática, da Educação etc. Entre esses profissionais, estão os intérpretes e tradutores. Aliás, até mesmo já passou a ser inquestionável a importância da Terminologia para a formação de intérpretes e tradutores, dado que, em suas atividades diárias, eles se deparam frequentemente com o desafio de traduzir termos técnico-científicos, e, muitas vezes, com uma linguagem essencialmente especializada. O tradutor de Libras, por exemplo, é um desses profissionais. Com sua inserção em ambientes tais como instituições de ensino básico e superior, Congresso Nacional, assembleias legislativas, hospitais, tribunais de justiça etc., a tradução e a interpretação envolvidas com o par linguístico Libras/Português esbarram, inevitavelmente, no léxico especializado da Mecânica Quântica, da Biologia Marinha ou dos micro-organismos, da

* Professor do Departamento de Ensino do Instituto Federal do Ceará (IFCE), no *campus* de Iguatu. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Química, da Físico-Química, da Medicina, do Direito, da Ciência Política e assim por diante. Nesse sentido, saber identificar os termos e, tão importante quanto, negociar sua tradução adequadamente é imprescindível não só para que o produto final adquira a confiabilidade, mas, acima de tudo, para que o trabalho estabeleça uma comunicação técnico-científica genuína e não acarrete prejuízos na comunicação final, já que a finalidade é fazer com que o texto-alvo especializado tenha um alto grau de correspondência com o texto-fonte especializado.

Para o objetivo ser atingido, é importante, entre outras coisas, que o tradutor saiba identificar e negociar os termos a serem traduzidos. Por isso, torna-se basilar o conhecimento, *a priori*, das principais teorias terminológicas. Na próxima seção, três delas serão explicadas brevemente. Porém, antes de apresentar as três principais teorias terminológicas e, em seguida, alguns caminhos para pesquisas envolvendo Terminologia, tradução e Libras, convém destacar a distinção que Krieger & Finatto (2004) fazem entre Terminologia (grafada com “T” maiúsculo) e terminologia (grafada com “t” minúsculo). No primeiro caso, trata-se da área ou do campo de estudo que tem como objeto o termo técnico-científico, a fraseologia especializada e a definição terminológica; já o segundo refere-se ao conjunto dos termos técnico-científicos, incluindo-se aí as fraseologias especializadas. Neste artigo, será feito o mesmo para diferenciar um termo do outro.

1. Pontos essenciais de três principais teorias terminológicas.

A preocupação em caracterizar o termo tem levado recentes terminólogos (François Gaudin, Maria Teresa Cabré e Rita Temmerman, para citar alguns) a desenvolverem diversas teorias – três delas serão apresentadas a seguir. Embora a primeira preocupação em elaborar uma teoria terminológica date dos anos 1930, com o trabalho pioneiro de Eugene Wüster (*Internationale Sprachnormung in der Technik: besonders in der Elektrotechnik*¹), a utilização de uma linguagem de especialidade e, conseqüentemente, de termos técnicos remonta à Antiguidade. Rondeau (1984, p. 1) cita o exemplo da Grécia Antiga, com a linguagem técnica não só dos filósofos gregos e da arte militar, mas também da linguagem do comércio marítimo dos cretenses. De todo modo, foi somente no século XX que estudiosos e cientistas começaram a padronizá-los e estabelecer bases de estudos terminológicos por meio de concepções teóricas. Como já ventilado acima, o primeiro a fazer isso foi o engenheiro

1 Em tradução livre: Padronização em linguagem internacional da tecnologia: especialmente em engenharia elétrica.

austríaco Eugen Wüster (1898-1977), com a publicação de sua tese de doutorado, em 1931, trabalho pioneiro e responsável por instituir a Teoria Geral da Terminologia (doravante TGT).

Em suas ideias iniciais, Wüster (1931) propôs o termo como um “rótulo designativo de uma unidade de conhecimento” (KRIEGER, 2008, p.5), perspectiva que levou suas pressuposições a serem conhecidas como visão clássica da terminologia. Na base de sua teoria, o entendimento de que os termos seriam unidades meramente nominativas, percepção que excluía o caráter comunicativo do termo. Mais tarde, principalmente nos anos 1990, essa visão recebeu críticas por vários motivos, e uma delas argumentava que a ideia de os termos serem apenas nominativos, tanto exclui a possibilidade de descrever satisfatoriamente o léxico especializado, como exclui a possibilidade de os termos serem vistos como instrumentos de comunicação.

Muito provavelmente, o princípio de univocidade tenha sido a maior busca, a maior defesa e, porque não dizer, um dos maiores infortúnios de Wüster (1931), ao tentar dar contornos mais amplos à sua teoria. Em seu julgamento, cada termo deveria ter apenas um conceito e cada conceito ser designado por um único termo, a fim de eliminar problemas de imprecisão de significação na linguagem especializada, principalmente com relação à imprecisão ligada à polissemia. Assim, a univocidade tornaria invariável uma unidade de conhecimento, *i.e.*, expressaria conceitos que não deveriam sofrer modificações de significado. A propósito, o próprio significado tinha de ficar à margem da Terminologia, em razão de suas modificações, ou seja, de sua transmutação dependente do contexto de uso. Mas é exatamente aí onde reside o grande problema da idealização do princípio de univocidade: se a linguagem em seu sentido mais amplo é dinâmica, não estática, então não tinha como a linguagem em seu sentido mais específico também não ser dinâmica. Dito de outro modo, enquanto a concepção de Wüster (1931) de univocidade terminológica não convencia – em virtude da variação terminológica pela qual os termos passavam em subdomínios da linguagem especializada – a plurivocidade reclamava atenção de futuros pesquisadores.

Em síntese, Wüster (1931) pretendia normalizar e padronizar as terminologias, com o objetivo de facilitar a comunicação por meio da linguagem especializada internacionalmente. De modo geral, as principais características da TGT podem ser resumidas da seguinte maneira:

- Propõe a eliminação da ambiguidade terminológica;
- Metáforas devem ser substituídas por equivalentes não metafóricos;

- Busca da univocidade;
- Prioriza a descrição do nível lexical, deixando à margem os outros níveis de descrição linguística;
- Tem, claramente, um objetivo prescritivo.

Além da perspectiva restrita de Wüster (1931) sobre o termo ter sido questionada e revisada – conquanto alguns teóricos como Cabré (2004), por exemplo, acreditavam que o termo deveria ser considerado uma unidade linguística de uso em vários contextos comunicativos – outras concepções terminológicas estabelecidas mesmo involuntariamente pela TGT também logo sofreram revisão, das quais eu cito (i) sua preferência pela interpretação sincrônica do objeto de estudo; (ii) sua aplicação reducionista a uma determinada área, mas a outras não, em virtude de a teoria não conseguir ser abrangente aos diversos campos de linguagem especializada; e (iii) seu idealismo, no tocante a perceber um determinado conceito como algo preso a um determinado termo que, por sua vez, etiqueta um determinado objeto. Essas observações levaram outros teóricos a elaborarem teorias mais adequadas. Cabré (1999), por exemplo, desenvolveu a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que tem o uso real como principal ponto de análise descritiva das unidades terminológicas.

Iniciando uma nova perspectiva, a TCT compreende que entre palavra e termo não existem diferenças, ambos são signos linguísticos. Na verdade, a “transformação” do primeiro no segundo dá-se pelo contexto discursivo-pragmático. Assim, o que designa o termo é o contexto em que tal elemento linguístico é utilizado. Por isso mesmo, a TCT enfatiza a importância de se estudá-lo em seu ambiente autêntico de uso: o texto ou o discurso especializado. De toda forma, ainda com esse ponto de vista, é importante destacar que, para a TCT, o léxico geral de uma língua não deixa à margem o léxico especializado, ou seja, um não se opõe ao outro. Na prática, o léxico especializado deve ser entendido como uma variante do léxico geral. O fato de ser denominado termo, assim como dito acima, é o uso pontual e específico. Mas é importante reforçar também que, de acordo com a TCT, a terminologia é quem vai diferenciar a linguagem especializada da linguagem comum.

Ainda sob a interpretação da TCT, o termo, em sua complexidade, envolve as dimensões linguística, cognitiva e comunicativa. Ora, se o termo envolve essas três dimensões, então uma teoria terminológica também tem que dar de conta de cada uma delas

no estudo sobre os termos. Em síntese, algumas características da TCT podem ser resumidas da seguinte maneira:

- Entende as unidades terminológicas como signos linguísticos, portanto, o conceito de significado não pode ser descartado de seus estudos – era o que a TGT fazia;
- O componente linguístico é valorizado;
- Palavras e termos, para fins teóricos, são signos linguísticos que fazem parte do discurso;
- É no ambiente natural de uso que se deve observar, analisar e descrever os termos.

Apesar dos importantes contributos da TCT e da TGT (afinal de contas, mesmo com fortes críticas, não se pode negar as importantes contribuições da TGT), no início dos anos 2000 uma nova teoria terminológica surge, também contestando a visão clássica estabelecida por Wüster (1931), principalmente a do princípio da univocidade. Elaborada por Rita Temmerman (2000), em primeiro lugar ela propõe a substituição de “conceito” por “unidade de compreensão”, e, em segundo lugar, busca na Linguística Cognitiva subsídios teórico-práticos para embasar a teoria que ficou conhecida como Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST). Apesar de trazer muitos novos entendimentos, em muitos pontos a TST vai de encontro à TCT, dos quais cito os seguintes: (i) os termos não são elementos à margem do sistema linguístico e (ii) o significado terminológico pode ser afetado por diversos fatores. Com relação ao princípio da univocidade, proposto pela TGT, Temmerman (2000) não descarta o entendimento de alguns termos serem delimitados, o que assegura certa univocidade, mas de modo muito específico e pontual, pois, no geral, os termos comportam mais de uma unidade de compreensão.

Em linhas gerais, a principal característica da TST, que acaba se tornando mais acentuada e diferenciando-a da TCT, está para o fato de conceber o termo tanto como uma unidade de compreensão quanto como o “resultado de uma estruturação sócio-culturalmente modelizante” (KRIEGER, 2008, p 03).

Para encerrar essa primeira discussão, em sua tese de doutorado, Santiago (2013, p. 60) chama a atenção para o fato de que o objetivo primeiro da Terminologia “é dar conta do funcionamento das unidades lexicais temáticas em situações que envolvam, principalmente, comunicação profissional, científica e acadêmica.” Mais adiante, o autor também destaca a Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.8, p.96-109, 2018.

importância de se fazer o estudo das fraseologias especializadas à luz da Terminologia, quando esta observa o ambiente, ou seja, o contexto em que as unidades fraseológicas estão inseridas. Por esse ponto de vista, e agregando ao que foi dito até aqui, várias possibilidades de pesquisas surgem envolvendo Terminologia, tradução e Libras, as quais passo a citar abaixo.

2. Terminologia, tradução, Libras e pesquisas promissoras.

A partir das teorias, os estudos em terminologia em conexão com a tradução ampliaram-se bastante desde os anos 1950. Nas áreas que abrangem as línguas de sinais, apesar de serem poucos os cursos de licenciatura e de bacharelado em Libras, as pesquisas nos programas de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) são bastante expressivas e trazem resultados que impactam na Terminologia em cooperação com outras áreas do conhecimento: engenharias diversas, Medicina, Linguística, Ensino, Estudos da Tradução etc. Sem dúvidas, um dos profissionais mais beneficiados com essa expansão é o tradutor e intérprete de Libras, uma vez que os trabalhos de tradução e interpretação nessa língua são cada vez mais solicitados, e o profissional é gradativamente inserido em situações que exigem a competência tradutória em uma linguagem especializada. É nesse sentido que muitas áreas envolvendo tradução, terminologia e Libras, e sua conexão com outros campos do conhecimento, ainda necessitam de pesquisas terminológicas. As seguintes áreas são apenas alguns exemplos que reclamam mais investigações e que podem suscitar interesse para futuras pesquisas:

➤ Elaboração de glossários especializados em Libras:

- Na área do Direito: Penal, Processual Penal, Administrativo, Constitucional, Ambiental;
- Na área da Informática;
- Na área da Medicina;
- Na área do discurso político, etc.

➤ Análise tradutória de termos utilizados:

- Na moda;
- No marketing;
- Nas redes sociais;
- No futebol;
- No discurso político, etc.

➤ Traduções comentadas de:

- Manuais técnicos;
- Fraseologias especializadas utilizadas em textos acadêmico-científicos, etc.
- **Tradução de fichas terminológicas disponíveis em banco de dados;**
- **Elaboração de tesouros;**
- **Tradução de tesouros.**

Fazer traduções comentadas de termos a partir de um corpus textual em língua portuguesa para a Libras e desenvolver ferramentas de tradução que auxiliem o profissional a reconhecer unidades terminológicas em textos são outras duas áreas que reclamam pesquisas.

3. Terminologia e manipulação de dados da Libras

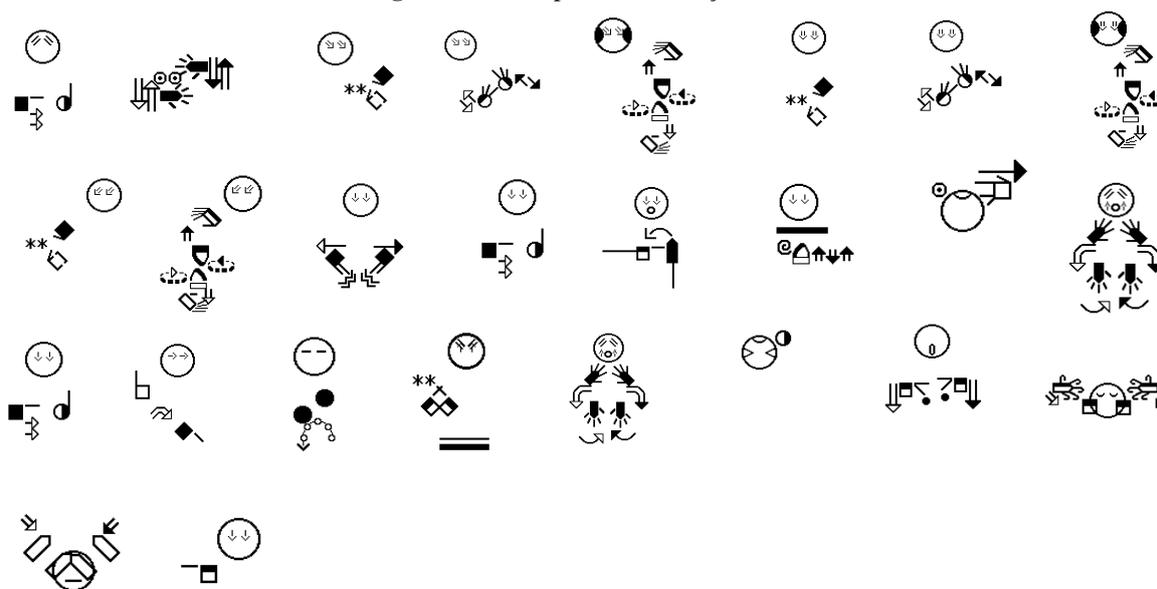
É indiscutível que o computador tem se tornado uma ferramenta imprescindível para a execução de várias tarefas, sendo o tradutor um dos profissionais que mais se beneficiam com o seu uso, seja para pesquisa de cunho acadêmico, seja para uma aplicação prática em determinado trabalho tradutório. Aliás, várias pesquisas científicas envolvendo tradução podem ser aplicadas com o uso do computador, por meio da Linguística computacional, das memórias de tradução, da tradução automática, da análise do processo tradutório e da Linguística de *corpus* – para citar alguns exemplos. A propósito, deve-se levar em conta que o *corpus* precisa ser constituído de comportamentos linguísticos reais, *i.e.*, produzidos em contextos discursivos concretos, nunca construídos fora de uma situação real de uso. Dessa forma, o pesquisador estará diante de informações surgidas naturalmente, o que afasta qualquer produção tendenciosa e não científica dos estudos terminológicos.

Para estudos terminológicos, esses dados podem ser compilados de diversas formas: áudio, textos, vídeos etc. Em Libras, dependendo do objetivo da pesquisa, a compilação segue praticamente a mesma forma das línguas oral-auditivas, mas com o agravante de que os softwares para manipulação de dados ainda são muito escassos. Atualmente, o programa mais utilizado é o *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN), idealizado e desenvolvido no *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, na Holanda. Ao ser elaborado, o ELAN foi essencialmente projetado para análises linguísticas, entre elas estão as análises das línguas de sinais. Para estas últimas, o programa auxilia na transcrição dos sinais por meio de glosas, um sistema de notação que utiliza palavras, notas explicativas e diversos tipos de caracteres (@, <, >, * etc.). Em uma notação por glosas, por ser um sistema aberto, o pesquisador tem a possibilidade de gerar sua própria nota ou caractere, relacionados a determinado sinal. No

entanto, o ponto negativo é que o mesmo sinal, em outra pesquisa, pode estar ligado a outra glosa, diferente daquela que foi utilizada por outro pesquisador.

Outra possibilidade de se trabalhar com *corpus* em língua de sinais seria com a utilização do *SignWriting* (SW), sistema de escrita de sinais desenvolvido por Valerie Sutton nos anos 1974. O ponto positivo desse sistema é que, além dos itens lexicais, é possível representar diversas marcações não manuais (movimentos do corpo e expressões faciais), aspecto bastante valioso em uma análise linguística nas línguas de sinais. As expressões faciais, por exemplo, podem carregar não apenas aspectos linguístico-gramaticais mas também apresentar indícios ideológicos: dogmáticos, políticos, filosóficos etc. Para se ter uma ideia, Santos (2018, p. 102), analisando parte da tradução da Bíblia para a Libras, notou indícios de que determinadas expressões faciais do tradutor evidenciam forte ligação “com um conjunto de leis regidas pelo entendimento dogmático a partir da interpretação de outros versículos bíblicos pelo grupo religioso”, por isso o SW, por representar mais fielmente as marcações manuais, seria o sistema mais adequado nas notações dos sinais. Por outro lado, por se tratar de um sistema mais complexo, o SW exige um conhecimento aprofundado de quem o utiliza na manipulação de dados e de quem tem interesse em ler os resultados da pesquisa. Neste último caso, o leitor não familiarizado com o sistema fica totalmente à margem da compreensão. Abaixo um exemplo de escrita em SW.

Figura 1 – Exemplo de transcrição usando o SW

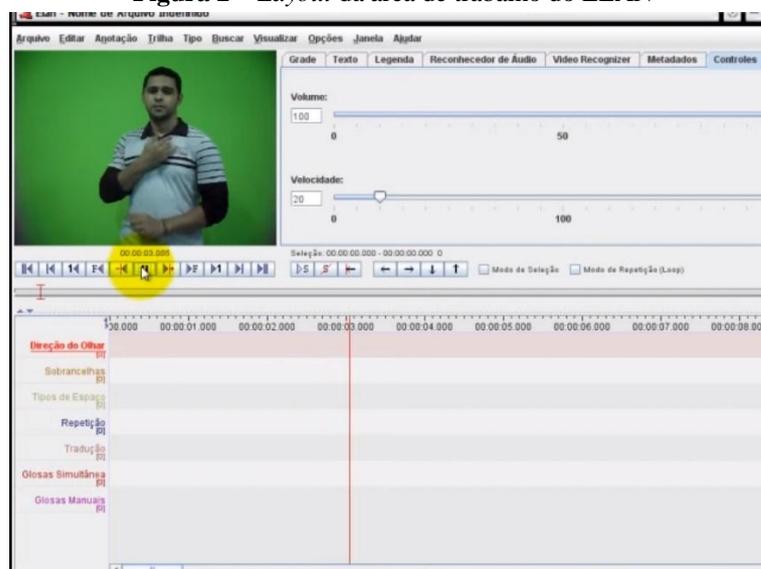


Fonte: Santos (2016)

O SW pode ser escrito tanto usando o *SW-Edit*, software disponível gratuitamente para *download*, ou mesmo de forma convencional, com lápis/caneta e papel. De uma forma ou de outra, como dito acima, a escrita exige uma dedicação e um longo estudo por parte não só de quem faz a pesquisa e publica, mas também pelos que têm interesse na publicação. Provavelmente esse seja o motivo pelo qual o SW ainda tenha pouca aceitação pela comunidade científica de modo geral, embora ele seja atraente para a comunidade científica de modo específico: pesquisadores fluentes em Libras.

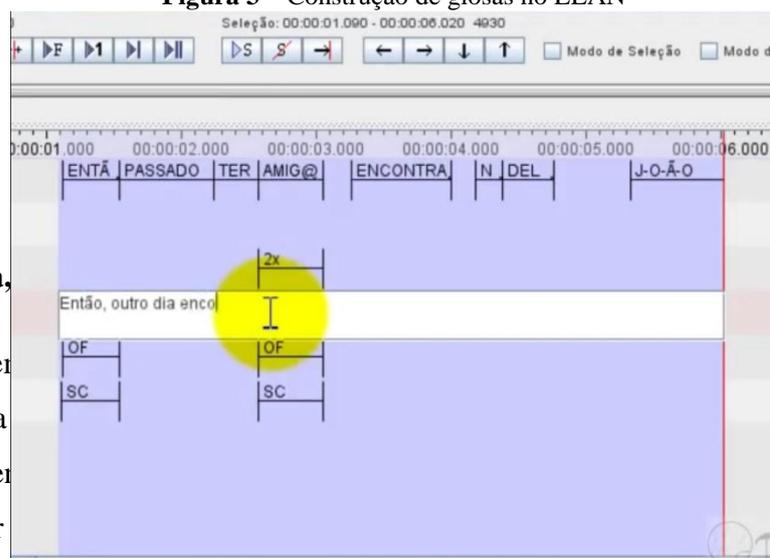
Mesmo com algumas imperfeições, o sistema de notação por glosas ainda é o mais utilizado e aceito pela maioria dos pesquisadores, pelo menos no Brasil, em virtude de o leitor final, com alguns minutos de estudo, conseguir assimilar os dados compilados em um *corpus*. Isso ocorre porque as glosas usam palavras da língua portuguesa para representar a maioria dos elementos linguísticos da Libras. Para trazer exemplos simples usando uma linguagem especializada, uma glosa do tipo MINIMIZAR, com todas as letras em caixa alta, significa que há aí uma sinalização de um único termo, o mesmo pode ser dito com relação às glosas PROGRAMAS e SELECIONAR (os três são exemplos de termos usados na linguagem especializada da informática), e como a Libras só marca o gênero apenas em contextos muito específicos, usa-se o sinal diacrítico @, como em DEPUTAD@, exatamente para neutralizar a marcação de gênero. Os sinais < > indicam que, geralmente, haverá uma nota explicativa logo após esses símbolos, ou então uma indicação de marcações não manuais: expressão facial, franzir da testa, movimento corporal ou de sobrancelhas, entre outras. Abaixo duas imagens: a primeira mostra o *layout* do ELAN; a segunda mostra as glosas no programa.

Figura 2 – *Layout* da área de trabalho do ELAN



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 3 – Construção de glosas no ELAN



4. Terminologia,

Como Ter
terminológico, a
explicação de fe
cognitiva, se for

fenômenos metafóricos muito mais profundos envolvidos com a terminologia. Ora, mesmo em terminologia, não se pode negar o caráter metafórico, cognitivo e cultural que determinados termos carregam. Para trazer um exemplo em Libras, o sinal SALVAR, da língua de especialidade “Ciências da Computação”, carrega a ideia de que SALVAR É GUARDAR OBJETO EM ALGUM LUGAR. Perceba, neste caso, que a comunidade surda brasileira fez surgir um termo em Libras alicerçado em uma metáfora conceitual.

alização e no uso
stentação para a
da na Linguística
ajudar a elucidar

Na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora conceitual não é apenas um aparato da linguagem, ela faz parte do sistema conceitual humano, ou seja, ela está presente no sistema que subjaz a língua. Para defender essa ideia, eles primeiramente sugerem que é muito comum encontrar o uso de metáforas nos mais diversos tipos de discursos, sejam eles quais forem: técnicos, literários, religiosos etc. Muito mais do que isso, no processo cognitivo metafórico há mapeamentos entre dois domínios conceituais: o domínio-alvo e o domínio-fonte. O primeiro, mais abstrato, é entendido por meio do segundo, mais concreto. Por isso, quando alguém produz metáforas do tipo “Eu desarme todo o discurso dele”, “Meu discurso o derrotou”, “Quando ele disse aquilo, eu quase me entreguei” o enunciador está demonstrando entender o conceito de DISCUSSÃO por meio do conceito GUERRA², revelando ao pesquisador a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GERRA³, subjacente à língua.

Ao elaborar essas proposições, Lakoff e Johnson (1980) estão sugerindo que as pessoas não somente usam as metáforas, mas compreendem o mundo a sua volta por meio

2 Para representar conceitos, Lakoff e Johnson (1980) utilizam todas as letras em maiúsculo.

3 Essa é uma metáfora conceitual explorada por Lakoff e Johnson (1980, pp. 46-48)

delas. Nesse sentido, eles sugerem que, ao compreender um conceito mais abstrato por meio de outro mais concreto, existem mapeamentos cognitivos produzindo metáforas. Como exemplo desses mapeamentos, as três metáforas citadas no parágrafo anterior podem ser entendidas da seguinte forma:

- Mapeamentos:
 - Os interlocutores da discussão → são conceituados como soldados adversários;
 - O local em que discutem → é conceituado como o campo de batalha;
 - As palavras e frases proferidas → são conceituadas como artilharia;
 - Argumentos a, x, y, n... → são conceituados como estratégias de ataque e/ou defesa;
- Metáfora conceitual: DISCUSSÃO É GUERRA

Tomando como base esse entendimento, uma pesquisa com objetivo de analisar o papel da metáfora na construção de termos ou na tradução de uma linguagem especializada pode encontrar melhor resultado ao fazer uma conexão entre Terminologia e Teoria da Metáfora Conceitual. A partir de um *corpus* textual em qualquer língua, o pesquisador fluente em Libras pode mapear metáforas conceituais que funcionem como termos e elaborar fichas terminológicas adaptadas para a Libras, alimentando determinados bancos de dados de metáforas especializadas, tendo a perspectiva da Linguística Cognitiva como pano de fundo teórico.

Há pelo menos três tipos de fichas terminológicas que podem ser “adaptadas” em um estudo que envolva tradução e Libras: (i) ficha de trabalho, ou de coleta; (ii) ficha de síntese; e (iii) ficha de remissivas. Todas elas organizam os termos de uma determinada área e dão suporte para a criação de ferramentas de consultas, tais como dicionários e glossários. Os seus conteúdos podem variar um pouco, mas, em geral, as fichas devem conter o termo, a definição, o contexto em que o termo ocorre, a fonte de onde o termo foi extraído, o verbo e o adjetivo relacionado ao termo, algumas informações sobre possíveis variantes, equivalentes em outra língua (geralmente Inglês), nome do responsável pela coleta e data. Abaixo um modelo simples de ficha terminológica.

Tabela 1 - Exemplo de ficha terminológica

Ficha terminológica

Termo em Português Brasileiro:	Salvar como
Definição:	Gravar um arquivo para preservá-lo
Classe gramatical:	Verbo
Língua de especialidade:	Ciências da computação
Subárea:	Informática
Termo em inglês:	<i>Save to</i>
Tradução do termo para a Libras:	SALVAR <OUTRO> configuração de mão em “L” com movimento ao lado da cabeça.
Mapeamento da metáfora conceitual:	SALVAR É GUARDAR OBJETO EM UM LUGAR
Contexto1	Coloque “Salvar como PDF” no campo do título do favorito e a seguir, toque na opção “Salvar”
Retirado de:	< http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/01/veja-como-salvar-uma-pagina-em-pdf-no-ipad-de-forma-simples-e-rapida.html >
Data:	29 de junho de 2015
Contexto 2	Primeiro, com as escolhas de pastas e modos de sincronização da parte 1, clique em "Salvar como tarefa em lote", na parte inferior esquerda da janela.
Retirado de:	< http://olhardigital.uol.com.br/noticia/guia-como-automatizar-o-backup-do-pc-para-um-hd-externo/42447 >
Data:	29 de junho de 2015
Termo remissivo em Português:	Iniciar
Termo remissivo em Libras	Inexistente

Fonte: Elaborada pelo autor

Observe que essa ficha terminológica específica inclui a transcrição por glosas e o mapeamento da metáfora conceitual em Libras, onde um conceito mais abstrato (SALVAR) é mapeado em um conceito mais concreto (GUARDAR OBJETO EM UM LUGAR). Dessa forma, o pesquisador verifica o dinamismo do termo SALVAR em Libras em diversos contextos, tanto com relação à linguagem não especializada como com à linguagem especializada, principalmente na área da metáfora especializada. E quanto à construção da ficha terminológica, existem diversos softwares que podem ser usados, entre eles está o Access, da Microsoft, para citar um dos mais comuns. Tomando como exemplo uma possível pesquisa a partir da ficha acima, uma ferramenta de consulta (*website*, por exemplo) pode gerar fichas terminológicas, contendo a modalidade de ficha que permita um surdo em processo de alfabetização em língua portuguesa consultar termos metafóricos de determinada área, levando em conta o dinamismo que o próprio termo possui em outros contextos linguístico-cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de termos metafóricos em discursos sinalizados ou produções textuais, a elaboração de glossários, as adaptações de fichas terminológicas, a tradução para a Libras de uma recorrência terminológica em uma determinada obra, a análise tradutória de mecanismos metafóricos que propiciam a criação de termos etc. são apenas algumas propostas de pesquisas. Mas um dos maiores problemas que são enfrentados por pesquisadores em línguas de sinais é a falta de programas que manipulem os dados em vídeos. Há quem prefira usar fotos, outros se apropriam do sistema de notação por glosas, e ainda há quem aposte na escrita das línguas de sinais, sendo o SW um dos sistemas mais utilizados.

Mesmo assim, apesar desse tipo de problema enfrentado pelos estudiosos da área, é importante destacar que as pesquisas em línguas de sinais estão em constante expansão. Aqui no Brasil, por exemplo, os estudos iniciais em Libras surgiram a partir dos anos 1980 com Lucinda Ferreira Brito, ao realizar pesquisas descritivas das línguas de sinais dos centros urbanos brasileiros e da língua de sinais Urubu-Kaapor, usada por uma tribo indígena do Maranhão (cf. Ferreira-Brito, 1985). Mais tarde, nos anos 1990, surgem pesquisadoras como Karnopp (1994), Quadros (1997) e Felipe (1998). Desde então, o interesse na área vem contribuindo para a expansão e difusão da Libras e da cultura surda, além de aumentar a investigação envolvendo Terminologia, tradução e Libras.

Obviamente, este trabalho não teve a pretensão de explorar exaustivamente as diversas possibilidades de pesquisas envolvendo Terminologia, tradução e Libras, mas teve o objetivo de lançar algumas propostas iniciais de áreas que reclamam esse estudo.

REFERÊNCIAS

- CABRÉ, M. T. Morfología y Terminología. In: FELÍU, Elena (ed.). **La Morfología a Debate**. Jaén: Universidad de Jaén. 131-144, 2006.
- CABRÉ, M. T. La terminología en la traducción especializada. In: GARCÍA, R. C. G.; YEBRA, V.G.(eds). **Colección: Instrumenta Bibliológica**. Madrid: Arco/Libros, 2004, pp. 89-122.
- CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.
- FELIPE, T. A. Introdução à gramática de Libras. In: BRASIL: Ministério da Educação. **Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 1997. v.7 (Série Deficiência Auditiva, 3).

FERREIRA-BRITO, L. **A comparative study of signs for time and space in São Paulo and Urubu-Kaapor Sign Language**. SRL83, ROMA, p. 262-268, 1985.

KRIEGER, M. G. **Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas**. Jornal UFSC, Florianópolis, 2006. Cadernos de Tradução, p. 189-206. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6862/6413>> Acesso em: 22 de junho de 2015.

KRIEGER, M. G. Terminologia e seus objetos de investigação. In: X Simposio Iberoamericano de Terminología: **Terminología, conocimientos, sociedad y poder**, 2008, Montevideo. Actas... Montevideo, 2008. p.1-8.1CD-ROM.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. 2. ed. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Québec: Gaëtan Morin, 1984.

SANTIAGO, M. S. **Unidades fraseológicas especializadas em tutoriais de ambientes de aprendizagem: proposta de um sistema classificatório com base na valência verbal**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

SANTOS, E. C. P. dos. No princípio era a palavra, mas a palavra foi traduzida para os sinais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 125-141, set. 2018. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p125/37388>>. Acesso em: 13 nov. 2018. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p125>.

SANTOS, E. C. P. dos. **Metáforas conceituais baseadas em vida, morte e ressurreição e sua tradução para a Libras**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza (CE), 2016.

TEMMERMAN, R. **Towards New Ways of Terminology Description: the sociocognitive approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

WÜSTER, E. **Internationale Sprachnormung in der Technik: besonders in der Elektrotechnik**. Berlin: VDI – Verlag, 1931.